

O CRIME DE ÓDIO E O NEONAZISMO NA INTERNET: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Adriana Dias
UNICAMP

Resumo: Este artigo apresenta uma experiência etnográfica de seis anos acerca do neonazismo na Internet. A preocupação central desta discussão é, primeiramente, apresentar a atual configuração do movimento nos sites construídos em língua inglesa, portuguesa e espanhola. Em segundo lugar, o presente texto discutirá o aspecto central do discurso destes sites: a noção de identidade por ele denominada ora de “alemã”, ou “teutônica”, ou, ainda, “germânica” e “ariana”. Metodologicamente, o texto recupera a “etnografia em ambiente hipermediado” (DICKS E MASON, 1998), centrada na análise de sites, fóruns, comunidades virtuais e blogs neonazistas; e desenvolve um trabalho de revisão bibliográfica acerca do tema para problematizar a tentativa dos participantes destes movimentos de transnacionalizar a raça, para se tornarem “arianos”. Na conclusão se discute como a violência expressa pelos grupos neonazistas, em sua paranóia específica, na qual deliram inimigos eternos, movidos por conspirações absurdas, se estrutura a partir da crença numa nova identidade: o novo teutonismo, que abrigaria seus participantes, por meio da crença de pertencer ao que denominam “sangue alemão”, mesmo sem qualquer vínculo com ascendência germânica.

Palavras chaves: Neonazismo, etnografia virtual, Internet.

1. INTRODUÇÃO

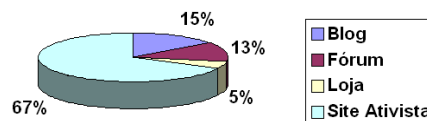
Esta pesquisa apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica, acerca do neonazismo na Internet, realizada durante seis anos, em sites produzidos especificamente para divulgar esta ideologia em língua espanhola, inglesa e portuguesa¹.

Durante a pesquisa foram localizados mais de 13 mil sites, dos quais foram escolhidos quarenta para etnografia virtual. Os critérios de escolha para selecionar estes quarenta sites foram: o número de acessos (entre os 800 mais acessados), os que mais links estabeleciam com outros sites, os que eram mais citados em artigos presentes em outros sites (ainda que não houvesse links no artigo), os que disponibilizavam mais material para análise.

O conjunto de sites foi também analisado para que incluísse tanto sites institucionais de movimentos, como também blogs (os mais citados na

rede identificada, os com mais material disponibilizado, quer em forma de artigo, quer em forma de gráfico, os que forneciam mais links para outros pontos, ampliando o diâmetro da minha busca), lojas e fóruns (aqueles que possuíam o maior número de participantes e temas mais diversificados). Destas escolhas se estruturou o universo de análise da pesquisa: 40 sites², num total de 468 páginas em blogs (0,11%), 24.371 páginas em sites (5,57%), 449 páginas em lojas (0,10%) e 412.037 páginas em fóruns (94,22%), sem contar os mirrors³. Embora o volume de páginas seja bastante volumoso pela rede, seu conteúdo é muito repetitivo e a leitura dos posts de algumas dezenas de blogs revelou que em mais de 90% eles reproduzem material dos sites, blogs e lojas, quer divulgando a ideologia, quer discutindo imagens ou charges dos blogs, quer indicando produtos das lojas para outros internautas. Durante os últimos dois anos de pesquisa as comunidades das redes sociais do Orkut (numa média de 200 comunidades) também foram analisadas⁴. O gráfico a seguir apresenta a classificação dos sites analisados por tipo:

Classificação dos Sites Etnografados



OBS - Os dados não incluem as comunidades da rede social Orkut.

Durante a pesquisa pode-se observar o preocupante crescimento do movimento neonazista:

² A lista de sites está disponível no anexo I.

³ O número de páginas se refere ao número de URLs disponibilizadas em cada site.

⁴ Com grande número de denúncias, as comunidades mais declaradamente neonazistas ficam pouco tempo disponíveis. Infelizmente, isto não é regra para todas as comunidades que possuem alguns fóruns neonazistas.

¹ Há muitos fenômenos na Internet que exigiram especial atenção das autoridades como todas as formas de cultivo da intolerância, o estímulo à anorexia e bulimia, a incitação ao crime, a pedofilia, a valorização do suicídio e o neonazismo.

para citar apenas um exemplo, o site Stormfront, cresce a casa de 15% ao ano. Em 2007 havia neste site o maior fórum neonazista do mundo, com 349.398 páginas, 4.226.919 posts, 115.909 membros (o site não permite postagens anônimas) e 20,519 membros ativos (que postaram mais de dois posts no último mês)⁵. O site já recebeu mais de 14 milhões de visitas diárias e é visitado, principalmente, por internautas dos Estados Unidos (29,5%), da Sérvia e Montenegro (16,4%), da Croácia (7,1%) e do Reino Unido (6,5%)⁶, ocupando o 10.999º lugar em tráfego no mundo⁷. Segundo dados do Alexa e do Google, haveria 245 sites apontando links para este portal, mas, durante a pesquisa, nos outros sites analisados foram identificados perto de 500 links. Desta análise se constatou um determinado quadro do neonazismo no Brasil e no Mundo, que passaremos a discutir.

2. O NEONAZISMO NO BRASIL E NO MUNDO: MAPEANDO A SITUAÇÃO ATUAL

O fenômeno do neonazismo cresceu bastante na última década: dados indicam o número de quatrocentas e cinquenta mil pessoas como leitoras da literatura produzida pelo movimento racista, revisionista e neonazista, apenas nos Estados Unidos⁸. Há meio milhão de habitantes que acessam esta literatura específica num país de 300 milhões de habitantes⁹, na qual há, segundo dados dos órgãos oficiais¹⁰, 288.378.137 brancos¹¹. Deste montante

⁵ Dados do site, balizados pelo Alexa.

⁶ Seguidos por Holanda, Chile, Bósnia and Herzegovina, Canadá, Espanha, Romênia, Bélgica, Índia, Rússia, Austrália, Polônia, Eslováquia, Republica Tcheca, África do Sul, Grécia, Argentina, México, Peru e Colômbia.

⁷ Apenas para servir de ilustração é bom comentar: muito a frente de uma loja virtual brasileira de grande acesso, a Fnac, uma das 300 mais acessadas no Brasil.

⁸ Os dados estadunidenses são fornecidos em parte pelo Center for Democratic Renewal. Fundado em 1979 como Anti-Klan Network, esta instituição se descreve como uma “organização multirracial defensora de uma sociedade estruturada por uma visão social avançada e democrática, livre de racismo e intolerância” que computa dados acerca deste tema e participa efetivamente de políticas públicas que promovam a igualdade e a justiça. As informações utilizadas ao longo do texto foram recolhidas de seu site na Internet (disponível em <http://www.thecdr.org/>, acessado em 10/02/2006), ou por contato via e-mail. Esta organização é citada no trabalho de Raphael Ezekiel (1995), que retratou em “The Racist Mind” os Neonazis e membros da Klan, nos Estados Unidos. Uma outra parte dos dados referentes a estes grupos foi, portanto, compilada de seu texto.

⁹ A estimativa é de 302.842.397 habitantes para o dia de 11/09/2007. O Censo americano possui uma espécie de relógio que se altera a cada 4 horas, oferecendo as estimativas populacionais oficiais. Está Disponível em <http://www.census.gov/main/www/popclock.html>. Acessado em 11/09/2007, às 10.36h (horário de Brasília).

¹⁰ Os dados do Censo estadunidense estão disponíveis na WEB em <http://factfinder.census.gov>. Acessado em 11/09/2007.

¹¹ Segundo o Censo Americano na categoria “raça branca” há pessoas de origem européia, do Oriente Médio e do Norte da África. Fonte: Federal Register. Disponível em <http://www.doi.gov/diversity/doc/racedata.htm>

cerca de vinte e cinco mil, em 1995, eram entendidos, pelas autoridades, como “membros militantes radicais”, lembrados por órgãos governamentais por exercícios de ódio racial. Os crimes que envolvem ódio racial, nos Estados Unidos, aumentam em cerca de 8.000 casos por ano¹².

No Brasil, crimes de ódio racial ainda são precariamente resumidos em dados específicos, muitas vezes assinalados apenas como lesão corporal, injúria ou até homicídio e não enfatizados como crimes de racismo, embora a Constituição Brasileira de 1988 o defina como imprescritível e inafiançável. Ainda assim, as estatísticas dos movimentos anti-racistas discutem para o fato de que pelo menos cento e cinquenta mil pessoas sejam simpatizantes do movimento racista, cerca de um terço disto apenas no Estado de Santa Catarina¹³. O maior site neonazista brasileiro, o Valhalla88 tem sua sede em Santa Catarina e alcançou a significativa marca de 200.000 visitas antes de ser retirado do ar, em agosto de 2007¹⁴. O crescimento destes grupos de ódio¹⁵, sua atuação política, suas crenças e a atualização da ideologia nazista que desenvolvem têm interessado pesquisadores do mundo todo. Estados Unidos, Espanha, Portugal e Brasil somam cerca de 900 mil pessoas simpatizantes com o movimento. No Brasil, os grupos se desenvolvem em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Distrito Federal. Há notícias, ainda de manifestações de ódio neonazistas em grande número das capitais, mais especialmente em Belo Horizonte e João Pessoa. Os cálculos são de que existam cerca de 450 mil neonazistas nos Estados Unidos, 240 mil na Espanha, 145 mil no Brasil e 50 mil em Portugal. No País, o maior número de pessoas que acessam essas páginas está em Santa Catarina: cerca de 45 mil. Logo após vem o Rio Grande do Sul, com 42 mil; São Paulo, 29 mil; Paraná, 18 mil; e Distrito Federal, 8 mil. O que os une?

¹² A análise destes dados será retomada posteriormente, bem como as que se referem aos sites em língua espanhola e portuguesa.

¹³ Grande parte dos dados acerca do neonazismo no Brasil se refere a dados citados na WEB pelo Sociólogo Túlio Kahn, Pesquisador do ILANUD - Instituto Latino-Americano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (<http://www.ilanud.org.br/>), órgão das Nações Unidas voltado para o combate da criminalidade na América Latina. Estes dados foram analisados associados ao trabalho etnográfico na WEB, por seis anos, e a dados disponibilizados por ONGs como a Safernet, os Tribunais de Justiça estaduais e as delegacias especializadas em intolerância.

¹⁴ A relação entre o estado sulista e o neonazismo no Brasil será retomada posteriormente.

¹⁵ O neonazismo cresce, ainda, de maneira preocupante segundo a ONU, no Leste Europeu, no Japão, na Oceania e na Rússia. Acerca de seu crescimento no Leste Europeu há o trabalho de Paul Hockenos (1995), Livres para Odiar.

3.0 NOVO TEUTONISMO: UMA IDENTIDADE ALEMÃ FORJADA PELO ÓDIO

Durante a pesquisa se constatou que os internautas que produzem o discurso neonazista na Internet ao mesmo tempo em que se emolduram num retrato, radicalmente racializado, que denominam de “arianismo”, elegem como inimigos principais “o judeu” e “o negro”, por estarem estes “inimigos”, comprometidos com “o genocídio da minoria branca”. Nestes sites, cuja diversidade abarca URLs produzidas por organizações da KKK, Neonazistas (White Power, Aryan National, National Alliance, entre outras) e grupos skinheads¹⁶; e diferentes formas de estilo de hipertexto, como sites institucionais, blogs, fóruns, comunidades virtuais, lojas de produtos (que comercializam discos, livros e “naziwear”¹⁷), se observou uma intensa produção de material de recrutamento, que inclui desde vídeos, livros para download, cartazes para impressão e distribuição, manuais de procedimento para a “guerra racial”, a livros para colorir para crianças, para torná-las conhecedoras da “história da cultura ariana”.

Um dos primeiros grandes analistas deste movimento, o psicólogo comportamental Raphael Ezekiel descreve a preocupação destes grupos com a questão racial:

Para estas pessoas, a resposta está na raça: “Eu sou membro da raça branca. Meu povo construiu esta civilização, construiu esta nação. Nós temos a inteligência e a iniciativa para a tarefa. Nosso sangue é diferente e especial. Nossa tradição nos tem sido confiscada, raças inferiores tem confiscado poder através de sua astúcia. Minha raça está próxima da destruição. A maioria do meu povo está enfraquecido e passivo, seduzido e tranqüilizado pelos inimigos. Os inimigos planejam a total destruição do talento da minha raça, seu sangue, através da mistura inter-racial. Por fim, nós ou nossos inimigos serão destruídos. (EZEKIEL, 1995, p. XVII)

Ezekiel se centrou nos pequenos grupos urbanos de neo-nazis e ainda, de grandes líderes, a exemplo de Tom Metzger (dirigente da Resistência Ariana Branca) e Richard Butler, líder do movimento Identidade Cristã, sempre pronto a informar que apenas os povos brancos de ascendência européia são criações divinas. Acerca do significado dos discursos destes grupos, Ezekiel afirma:

O centro deste discurso - raça identifica uma essencialidade, definindo qualidade e na qual a

raça branca é superior – é ao mesmo tempo similar e diferente do que perpassa a mente da maioria dos Americanos brancos. Ele exclui muitos outros caminhos através dos quais as pessoas podem ver uma conexão social ampla: por meio de igrejas, profissões, ocupações, faixa etária, gênero, escolaridade ou classe social. Ele exclui as grandes imagens da comunidade democrática ou das irmandades religiosas que sugerem um futuro além da raça. Ele faz, ao contrário, assemelha a percepção branca majoritária ao denominar raça – uma idéia construída no decorrer do tempo por uma sociedade e tendo significância científica pequena – uma descrição da realidade significante biologicamente, e, portanto, um caminho fundamental para categorizar pessoas. Ele assemelha mais ainda a percepção majoritária branca tomando como concessão o sentimento de especialidade e entitamento dos americanos europeus desce dentes. (EZEKIEL, 1995, p. XVII)

A tese cardinal de Ezekiel aponta para a idéia de que, de alguma forma, a intransigência racial nos Estados Unidos é motivada pelo fato de que a grande maioria da população pense a si mesma como descendente européia¹⁸ e, portanto, isto definiria um solo propício à idéia neonazista de que “o povo branco, descendente de europeu” esteja ameaçado em seu país e hegemonia. Esta apreciação, de certa forma, designaria aquilo que foi identificado pelo censo americano efetivado no ano 2000: quando perguntados acerca de sua “ancestralidade” os americanos se definiram, em sua maioria, como portadores uma ancestralidade européia: a maior faixa da população que se define vinculada a uma ancestralidade européia¹⁹ não se registra, espantosamente, como descendente de ingleses (que somam 8,7% dos entrevistados), mas, sim, de procedência germânica (15,2%), seguida de perto pela ascendência irlandesa (10,8%)²⁰. É interessante ressaltar que os dados a respeito da língua falada

¹⁸ Desta forma, a tese central do autor é que a ideologia radical alimentada nestes grupos são meramente uma forma extrema do racismo que é onipresente em toda a sociedade americana. Nos sites pesquisados a evocação desse “passado comum europeu” é de fato bastante utilizada, mas acerca da onipresença do racismo sinto-me sem condições de opinar.

¹⁹ Havia a possibilidade de se identificar com mais de uma ascendência, ou não reportá-la.

²⁰ Há em menor quantidade os que se identificam como descendentes de italianos (5,6%), poloneses (3,2%), ou que se atribuem origem francesa (3,0%) e escocesa (1,7%), ou escocesa e irlandesa (1,5%) Os estadunidenses que se reportam como descendentes de “nações nórdicas” são significativos: representam 4,6% da população, divididos entre os que se afirmam de origem holandesa (1,6%), norueguesa (1,6%) e sueca (1,4%). Os americanos que assim se explicam, somados, constituem mais da metade da população branca (54,3%). Entre os não-brancos se destacam os que se reportam como afros-descendentes (8,8%), os que se nomeiam como descendentes de mexicanos (6,5%).

¹⁶ Em 2002, havia segundo Raphael S. Ezekiel, etnógrafo do movimento nos Estados Unidos, 36 organizações Klan nos Estados Unidos (com um total de 138 filiais), mais de 20 grupos diversos de Neonazis (com 130 filiais) e 10 associações distintas de skinheads (com 40 filiais).

¹⁷ A “moda nazista” possui muitos sites na Internet. Um deles voltado para o público brasileiro pode ser encontrado em <http://www.zyklonbwear.com/>. O nome do site evidencia a agressividade do novo teutonismo.

pelos habitantes estadunidenses²¹, não acompanham a mesma dimensão: apenas 1,4 milhões de habitantes asseveram falar alemão, conquanto 45 milhões se afirmem descendentes de alemães²². Esses dados apontam, portanto, para a mesma direção projetada por Ezekiel, revelando um estadunidense que se credita filho da “Germânia”.

Um outro autor, o historiador da Universidade de Exeter, Nicholas Goodrick-Clarke, examina o neonazismo da extrema direita como um novo movimento religioso, que pretenderia responder às “mudanças causadas pela rápida globalização”, com seus conceitos acerca das idéias raciais “arianas”, que recupera os mitos hitleristas e seus rituais ocultistas. Analista da “crença separatista branca” estadunidense, o professor de religião da Universidade de Estocolmo, Mattias Gardell faz uma leitura da ascensão do neopaganismo e seu vínculo com os movimentos racistas. Abordando três dimensões distintas do fenômeno, a análise dos autores citados elabora, em comum, um quadro preocupante: o movimento cresce, em número e na intensidade de seu ódio. Também concordam eles que há, de alguma forma, uma atualização da ideologia nazista no centro da elaboração de seu discurso, centrado na “invenção” de um novo teutonismo.

Tomando esta atualização como um dado, é preciso apontar para a necessidade de pensar o nazismo para apreender alguns aspectos do neoteutonismo. O primeiro dos aspectos que interessa a presente pesquisa é a dinâmica relação de produção da identidade nacional, que rateia suas origens tanto na “Era das Revoluções²³”, tanto quanto no Preromantismo, e que permitiram a “imaginação” de uma comunidade, balizada pela racionalização de uma tradição lingüística, cultural e mítica. A ideologia do nacional-socialismo conferia um sentido especial à nacionalidade alemã: nela estaria preservado “o verdadeiro sangue alemão”, garantidor da superioridade biológica, psíquica, cultural e espiritual da mesma. Na atualização que os sites dão aos estes aspectos nota-se uma transformação do sentido de “nação” para “raça”. É no termo “raça” que se amalgamam sentidos: o “povo alemão”, como

o descrevem os sites é constituído pelos “alemães de todo o mundo²⁴”. “Nossa Nação é nossa raça”, repetem mais de cem vezes os sites pesquisados. A transnacionalização da raça²⁵ abarca nos sites a identidade alemã, advogada, por exemplo, pelos construtores do Valhalla88, a “invenção” da identidade alemã do censo de 2000, maior que a irlandesa e a britânica, nos Estados Unidos e a própria construção dos “tornar-se ariano” dos internautas que partilham as crenças raciais: acreditam “possuir o sangue alemão”, ainda que sem nenhuma ascendência germânica, porque vivem como heróis da raça, homens “brancos”. O que isto significa? Os sites afirmam que a “raça ariana” é material em todos os “portadores do legítimo sangue alemão²⁶”. Mas, estes não são necessariamente todos os que se atribuem ancestrais alemães, ou, ainda, os que falam alemão. São alemães, defendem os internautas neonazistas, os que vivem como “pessoas brancas”, a saber: “as que lutam pelo direito de viver como um povo separado e distinto, e orgulhos de sua história”. Dizem os internautas:

Viver como branco é falar línguas européias, trabalhar e estudar como brancos, dar uma base étnica para os filhos. [...] ressuscitar as lendas

²⁴ “Não interessa se você está em Coimbra, na Paraíba, em Santa Catarina ou no Texas, se você é ariano, você é ariano” comenta o diretor do fórum neonazista mais visitado no Brasil.

²⁵ Uma análise possível deste processo é apresentada por Castells, quando explana a respeito do caráter defensivo de muitas práticas identitárias voltadas contra a globalização, e aponta os processos de formação de redes e de flexibilização, e a crise da família patriarcal como elementos cruciais a este tecido histórico: “Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais buscam encolhê-lo de volta ao tamanho e alcance deles. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se ancoram em lugares, e recuperam sua memória histórica. Quando a reprodução patriarcal da personalidade fracassa, as pessoas afirmam o valor transcendente da família e da comunidade, como vontade de Deus” (CASTELLS, 1997, p. 66). Uma outra idéia é a delineada por Featherstone em termos de uma postura nostálgica face à globalização, uma associada à emergência/afirmação dos estados nacionais e seus símbolos e cerimônias, outra associada ao pós-modernismo e que reflete pressões para que os estados nacionais reconstituam suas identidades coletivas em moldes pluralistas e multiculturais que confirmam espaço para diferenças regionais e étnicas (FEATHERSTONE, 1995, p.95-96). A idéia de raça parece servir melhor ao discurso dos sites para arrematar esta “postura nostálgica”, esta “memória histórica” que a de nação, inclusive por dar conta da transnacionalidade da resposta.

²⁶ Cornelia Essner (1998, p. 20-25), em sua análise antropológica do nazismo, problematiza a articulação expressa na idéia mítica “do Sangue” (Blutmythos), por um “amalgama de símbolos emprestados”, inclusive, ao dogma da transubstanciação católica. Seria o “sangue ariano”, o novo vinho? O “Sangue Nórdico” na ideologia nazista se revela, segundo Essner, o “portador da imortalidade simbólica”. Esta “imortalidade” é recuperada no discurso do novo teutonismo: garantida pelo sangue, expressa uma lógica social, como explicita Bruno Latour, “um conhecimento preciso da sociedade e das associações que ela estabelece para se construir” (LATOURE, 1983, p. 211, 215), validando a idéia expressa por Ella Shorot (2006, p. 45): “o pensamento racista é tautológico e circular: somos poderosos porque estamos certos, estamos certos porque somos poderosos”.

²¹ Os dados estão em <http://www.census.gov/prod/2003pubs/c2kbr-29.pdf>. No Censo foi pedido aos argüidos se falavam outra língua além do inglês e se sim, qual, além de uma outra questão acerca da qualidade de seu inglês falado.

²² Quanto aos que se designaram como descendentes de ingleses, irlandeses, italianos, poloneses, franceses, escoceses, holandeses, noruegueses e suecos, a proporção nunca ultrapassa a de um para quinze (sendo que a média é um em dez), na relação entre os habitantes que se afirmam falantes do idioma e os habitantes que se dizem de ascendência da nacionalidade relativa a ele.

²³ “Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa” (HOBSBAWM, 2002, p.71)

brancas, contar pros filhos a história da Europa imparcialmente... dar direitos e deveres para os brancos, que sirvam em pequenos atos no dia a dia... ex: Um branco do nosso movimento tem o dever de comer uma comida européia em detrimento de uma comida que não tenha essa origem quando tiver escolha...

Esta escolha, de “uma vida branca”, define práticas e valores. Esta prática inscreve nas pessoas a idéia de “fazer de uma raça uma nação”, não importando “em que parte do mundo o ariano esteja (V88)²⁷”.

4. FERRAMENTAS DE ANÁLISE

Na construção de minha análise, três ferramentas foram de particular importância: os índices escolhidos do projeto de Cibernética da Universidade de Sydney, Austrália, o portal Alexa, o programa N*VIVO. Tais ferramentas foram muito úteis para fomentar a etnografia virtual, base metodológica desta pesquisa.

Os pesquisadores da Cibernética construíram vários indicadores para mensurar sites: SIZE se referira ao número total de WEB páginas de um website, FILES SIZE ao volume em bytes do total de filas do website, DENSITY HIPERTEXTUAL média numérica de links por página, DENSITY MULTIMEDIA média numérica de objetos multimídia por página, DEPHT ao número máximo de diretórios²⁸ de um site, LUMINOSITY ao número total de links internos e externos²⁹ que se dirigem ao site, BROWSEABILITY, a relação entre o número de links internos de um site e seu total de páginas, ENDOGAMY, porcentagem de links internos únicos em relação ao total de links, VALIDITY, porcentagem de links válidos em relação ao número total de links, POPULARITY, número de visitas diferentes num determinado período, CONNECTIVITY, número total de links únicos recebidos por um site, externamente, VISIBILITY, número total de links externos de um site, IMPACT, relação expressa pela divisão de número total de links externos e número total de páginas de um site.

Na tentativa de aproveitar ao máximo as informações fornecidas pelo método de cibernética, foram analisados, em separado, os sites, fóruns e blogs. Um primeiro fato a considerar é que cada um

²⁷ Novamente, Valhalla88. As abreviaturas dos sites estão disponíveis no anexo II e constam, entre parênteses após as citações deles retiradas.

²⁸ Dentro de um site, os diretórios são pastas que organizam e classificam conteúdos. Eles aparecem entre barras antes da parte final do site que indica o arquivo html. Por exemplo na Url <http://www.unicamp.br/prg/dac/> o prg é o diretório que remete a que parte do portal estamos nos dirigindo.

²⁹ Links internos são os fornecidos pelo próprio site que apontam pra o mesmo, os denominados links externos são os oriundos de outros sites.

destes tipos de URLs lida com um tipo de conteúdo diverso, nos sites o material é dezenas, algumas vezes centenas de vezes, mais extenso, muito mais explicativo e também há uma espécie de biblioteca de livros e artigos acerca do tema, nos fóruns o debate se dá entre os milhares de internautas que participam, como nas comunidades do Orkut e por isto foi preferível sempre pensá-los como um conjunto, nos blogs analisados é sempre um único membro da comunidade racista que posta idéias, gravuras, fotos, sons, slogans, opiniões, comentadas ou não por outros internautas e indicam, portanto, como agentes específicos elaboram o habitus racista.

Os sites neonazistas sites são extensos e muito mais povoados de links que os blogs, pois importa-lhes tecer a rede racista, são também muito mais profundos, para evitar que a maior parte de suas páginas sejam alcançadas pelos motores de busca.. Os blogs parecem não temer isto, até porque é muito menos dispendioso criar um outro blog que um outro site e como a extensão de blogs é exponencial, a imensidão da rede facilita o status de ilha secreta para os sites. Há muito mais imagem nos blogs, em média, que nos sites, pois estes últimos privilegiam artigos e textos. O tamanho médio dos sites, muito maior que sites institucionais ou científicos comuns indica, ainda, um aglomerado de sites disponibilizados num mesmo lugar, mais uma forma de fugir da rede, pois amplia a densidade de links internos e não externos, o que torna os links internos menos visíveis aos canais de busca. Neste formato e análise, se tornou possível identificar dados e mensurar os indicadores.

Porque importa um tamanho de site (tanto em número de páginas como em número de bytes)? Importa porque revela a quantidade de informação disponibilizada por seus criadores, mas também por sua relação com a média geral de outros sites. No mundo, a média geral são de 80 páginas por site, numa média de 200 kb por página, o que facilita a maior parte do carregamento. No Brasil a média é maior: na WEB brasileira cada site abriga, em média, 85 páginas, mas este número é um tanto tendencioso, pois no Brasil cerca de 10% dos portais abrigam mais de 80% das páginas da WEB. Esta configuração também é comum no resto do mundo. Desconsiderando estes 10%, a média dos sites cai bastante, não ultrapassando as trinta páginas. Nos sites racistas é comum sites com milhares de páginas, o que revela a tentativa de, mais uma vez, se esconder, no mar digital: a possibilidade de ser achado é menor, todo material está disponível no mesmo lugar e se retirado do ar, basta colocar tudo de novo em um mirror. Os sites racistas são em geral muito densos, tanto em hipertextualidade (há páginas com mais de 500 links e a média é de 42 links), como em multimídias (ícones, vídeos, imagens ocupam dezenas de bytes nos sites, com uma média numérica

de trinta e cinco por página). São em geral profundos, com média de quatro diretórios dentro de outros, dificultando, mais uma vez seu encontro por sites de busca.

O número total de links é imenso e tanto a luminosidade quanto a Browseability dos sites é cerca de trinta vezes maior que a média da rede. Mas, estes fatores não facilitam a sua busca, por serem propositalmente detidos pela densidade hipertextual e pela profundidade de diretórios. Isto os torna visíveis para outros sites da rede, o que reforça os vínculos entre eles. Os sites são profundamente endogâmicos, há muito mais links internos do que externos o que confirma a idéia de que na verdade são vários sites em um. A rede racista é, portanto, muito expressiva em tamanho: os sites se reproduzem aos milhares e a grande maioria ocupa espaço de dezenas deles. Os sites racistas são bastante acessados como indica seus ranks de tráfego no Alexa, mas sua conectividade e visibilidade são reduzidas na rede como um todo e muito maior (duzentas vezes) se os retratamos na rede racista. Por fim, o impacto de sua presença é grande, porque a grande maioria dos links externos aponta para páginas específicas, ampliando o alcance de determinadas e previamente escolhidas páginas dos sites³⁰.

O particular o uso que os sites fazem dos links é um dado interessante, em especial os grandes sites de ativismo: o NuevOrdeN, o National Alliance, o Historical Revisionism!, o CAUSA NACIONAL, o Valhalla88, o L'Association des Anciens Amateurs de Récits de Guerres et d'Holocauste, o Dirlip, o KKK, o KKK net (dissidente), o Solar General, o Nazi Lauck NSDAP/AO, o Hijas de Europa, o WAU, todos com mais de 300 URLs³¹. Tomando o dado mundial de média de URLs por sites (incluindo os grandes portais de notícias que abrangem mais de 80% da rede), ou o dado que considera apenas os sites “institucionais” relacionados, como o objeto desta pesquisa a temas específicos, que define a média em 24 URLs por site, é possível estabelecer “quantos sites há num site”, ou seja, quantos sites poderiam ocupar, em média na rede, do espaço em URLs que os sites analisados se valem para carregar. Na tabela a seguir, se apresenta esta proporção:

TABELA 1

NOME DO SITE	NÚMERO DE URLS	A(1)	B(2)
NUEVORDEN	7378	92,23	307,42
NATIONAL ALLIANCE	5800	72,50	241,67
HISTORICAL REVISIONISM!	2872	35,90	119,67
CAUSA NACIONAL	1882	23,53	78,42
VALHALLA88	1562	19,53	65,08
LAARGH	864	10,80	36,00
DIRLIP	730	9,13	30,42
KKK NET (DISSIDENTE)	682	8,53	28,42
KKK	481	6,01	20,04
SOLAR GENERAL	374	4,68	15,58
NAZI LAUCK NSDAP/AO	328	4,10	13,67
HIJAS DE EUROPA	307	3,84	12,79
WAU	268	3,35	11,17
TOTAIS	23528	294,1	980,33

(1)Quantidade de sites que poderiam ser carregados no mesmo espaço, pela média mundial.

(2)Quantidade de sites que poderiam ser carregados no mesmo espaço, pela média mundial, excluindo-se os grandes portais da rede.

Observando a tabela, uma nova informação nos convida a pensar: por que estes treze sites escolheram “se aglomerar” no lugar de ocupar o espaço de quase trezentos ou ainda de quase mil sites? O motivo central, evidentemente, é desaparecer dos motores de busca, que enumerarão, por sua lógica algorítmica interna, as páginas mais acessadas e deixarão as outras milhares sem destaque.

A segunda ferramenta a ser apresentada é o portal Alexa, que mede tráfego na rede. O Alexa disponibiliza várias informações úteis na análise, como a posição dos sites quanto ao número de acesso total, na rede e nos três países que mais o visitam. Ainda fornece um resumo de três meses de acesso e informações quanto à velocidade de acesso e contatos do site. O número de links externos que apontam para os sites é medida pela mesma tecnologia disponibilizada pelo Google e para este indicador foram encontrados alguns grandes problemas. Há sites na rede racista que apontam para vários outros sites da rede, sem terem seus links externos mensurados por esta forma de avaliação. Mas, todos os outros indicadores não apresentaram problemas³². Ao observar que os links externos, direcionados a outros sites, são em sua maioria esmagadora vínculos a outros sites do mesmo tipo, aparecem apenas na medida suficiente para gerar e gerir a rede racista, sem contudo ser suficiente, na absoluta maior parte das vezes, como nos revela o fato de que nem o

³⁰ No Anexo 2 há três mapas que podem ser apreciados num conjunto: no primeiro há os sites por localização, no segundo os links percebidos pelo Alexa e no terceiro os links localizados nos próprios sites.

³¹ Os dados constam das Listas que antecedem o presente texto, disponibilizados pelo número de URLs em ordem decrescente.

³² Para aprofundar esta questão é interessante a leitura do artigo *Classifying Web sites and Web pages the use of metrics and URL characteristics as markers*, de Wallace C. Koehler, Jr. Disponível em <http://lis.sagepub.com/cgi/content/abstract/31/1/21>. Último acesso em 05/05/2007

Alexa, nem o Page Rank googleano dão conta de mapeá-los, é possível perceber que há uma modo de pensar arquitetura destes sites que é peculiar a este grupo³³.

Relacionando-se apenas entre si mesmos, como indica a densidade endogâmica dos sites, produzindo um conteúdo gigantesco, como revela o número de URLs dos mesmos e arquivando este conteúdo em diretórios registrados em diretórios, profundos e inalcançáveis pelos motores de busca atuais, os sites não apenas denunciam sua preocupação em compreender e utilizar para fins muito bem definidos as ferramentas disponibilizadas pela rede, mas também indicam “o contorno de sua forma de pensamento”: eles são grandes (em bytes), levantam grandes construções (milhares de URLs), seus valores estão profundamente enraizados (diretórios dentro de diretórios), não se relacionam com sites estrangeiros (como revela a intensa endogamia dos links), os valores estéticos são claramente definidos e expressados (são intensamente povoados de imagens e outros tipos de mídia), se recusam a utilizar linguagem simples de programação, evitando ao máximo a postura Tableless³⁴ (preferem códigos de programação formais).

A terceira ferramenta utilizada foi o software N*Vivo³⁵. Este software, criado como auxiliar para pesquisa qualitativa, permite ler os sites a partir de categorias, que se denominaram nesta pesquisa de núcleos analíticos, criadas a partir do que o programa N*Vivo estabelece como “nó”. Um “nó” pode ser uma palavra, uma expressão, um conjunto de expressões, e identifica nos textos analisados determinadas categorias de produção discursiva. Estes “núcleos analíticos” identificados com auxílio do programa foram: o revisionismo histórico, a estética racista, o casamento inter-racial, a divulgação de livros e outras mídias de conteúdo racista”. Estes “se articulam no discurso: o revisionismo sustenta uma nova história que defenda a estética racista, esta é dada como motivo para

preservar as “fêmeas brancas” dos casamentos inter-raciais,” na tentativa de tecer uma hegemonia, ainda que as discussões dos fóruns, nas quais há milhares de internautas envolvidos demonstrem não ser tão real: há diferenças e são significativas. Mas, nesse ponto é importante frisar: há interesse numa aparência unificada”, para permitir a satisfação de quatro proposições dos sites: em primeiro lugar, eles argumentam que “preservação da raça branca, ou ariana³⁶” de um provável “genocídio³⁷” serve de validação para o discurso racista. Em segundo lugar, as relações de gênero e parentesco, revelam um universo simbólico de produção e reprodução do discurso e que inscrevem no intercurso do texto, das imagens, da construção dos sites, compondo o ideal “da família branca”: “o herói, a fêmea branca (ou útero branco) e a criança ameaçada. Em terceiro lugar, a análise discursiva revela que a pseudo-historiografia do revisionismo histórico estabelece “regras de direito que fazem funcionar as relações de poder para produzir discursos de verdade” (FOUCAULT, 1996, p. 24); para inocentar os “heróis nazistas” e culpar as vítimas do holocausto (tratado como “holoconto”). Por fim, há um aspecto mercadológico do tema, no qual se inserem, por exemplo, a venda de livros e a assinatura de revistas para sustentar, em parte, toda a rede construída.

5. A ETNOGRAFIA VIRTUAL

A técnica etnográfica, central na formação da disciplina antropológica, em suas modalidades cultural e social, e pode ser compreendida como um “método”, que usualmente associa ao “trabalho de campo”, a “observação participante”. Participar de fóruns, observar códigos fontes de sites, organizá-los num banco de dados, foram apenas algumas das dezenas de tarefas realizadas para desenvolver esta pesquisa. Para tecer sua interpretação, o trabalho do antropólogo consiste em enfrentar uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, estranhas, irregulares e implícitas, buscando aprendê-las de alguma forma para depois apresentá-las no seu texto. Para Geertz (1973:6), o texto etnográfico é construído enquanto uma ‘descrição densa’ das condições socialmente estabelecidas da comunicação humana através de códigos culturais.

³³ Sites de pedofilia buscam o anonimato, mas não a profundidade e movem-se muito mais (entre os racistas há sites com 10 anos de existência), para escapar da intensa vigilância internacional, sites de bulimia a anorexia na buscam anonimato, nem profundidade, no geral são blogs individuais de pessoas que simulam uma vida feliz independente da doença, nas comunidades “Ana e mia” as doenças são tratados por apelidos carinhosos e são tidas como “estilo de vida”.

³⁴ Método de desenvolvimento de sites não balizado por tabelas para disposição de conteúdo na página, tornando o código menos formal e mais acessível, inclusive a deficientes. Os sites certificados por este sistema são validados por uma tecnologia, a W3. Nenhum dos sites racistas recebe esta certificação. Informações adicionais acerca desta certidão encontram-se em <http://www.w3.org/2005/11/Translations/Lists/ListLang-pt-br.html>

³⁵ Disponível em http://www.qsrinternational.com/products/productoverview/NVivo_7.htm Último acesso em 15 de janeiro de 2006.

³⁶ A ideia da preservação está evidente em um dos textos “mais sagrados” do movimento, os 88 preceitos. Os preceitos 30 e 31 explicitam: “Os instintos para preservação Racial e da espécie é decretado pela Natureza. Instintos são os mecanismos perfeitos da Natureza para a sobrevivência de cada Raça e espécie. A fraqueza humana de justificar situações para autopromoção não deve ser permitida para interferir nesses instintos” (WPS, V88, NA, SGC, SBM, STO, BHL, LEA, NON, FLN, FRV, NAR).

³⁷ Cunhado após a barbárie nazista a palavra genocídio é utilizada pelos sites não para configurar crimes de ódio, mas vínculos sociais: o casamento, a adoção, as relações homoeróticas e homoafetivas são a causa do “genocídio” a que se referem. Na verdade o genocídio configura “o crime contra a diversidade humana” (CANÊDO, 1999, p. 5).

De acordo com Geertz (1973:10), fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estrangeiro. A diferença é que tal manuscrito não é grafado conforme uma escrita convencional, mas através de exemplos transitórios de comportamento cultural e socialmente constituído.

Ler sites, etnograficamente, significa, mais que apenas apreender os sentidos expressos explicitamente por cada site. Significou pensar que em cada uma destas URLs há dezenas de links, apontando para outras páginas do mesmo site, se pudemos olhar cada link como uma relação, uma troca, um processo profundo e essencialmente endogâmico se revelará diante de nossos olhos. Peculiar não apenas a sua escolha estética ou temática, mas a própria configuração do código fonte, peculiar na maneira como os links são organizados e portanto, como as relações dos sites entre si e na Internet são escolhidas ou ampliadas e/ou interditadas. Mais ainda, é se identifica nos links as relações de troca e as configurações que estas assumem. Portanto, o link revela uma atitude: ele continua ou descontinua um contato e em cada enlace aproximações e distâncias são estabelecidos. Se é no links que está o caráter rizomático, polimorfo, multiplicador do ciberespaço, se é nele que emergem os labirintos de labirintos da informação e da comunicação que constituem a rede, é no link também que se reservam informações preciosas acerca do tipo de relações que os sites estão dispostos a se permitir.

Os links apontam, um comportamento, contornado por uma opção megalomaniaca, estética, endogâmica, formalista. E se os links destes sites agem desta forma, é porque os construtores da linguagem, na construção das tags que os definem foram levados, por predisposições inconscientes, que se movimentam nestas direções. Nesse sentido, os links não são bons apenas para enlaçar, “mas são bons pra pensar”, no sentido que revelam sentidos e classificações, grupos próximos e distantes. É possível pensar, portanto, uma quaternária caracterização do link: como artefato, construído por uma tag, dentro de um código (em geral HTML), como representação de um padrão cultural estrutural, revelando os tipos de alianças permitidos e os interditados, como linguagem, por ser um elemento textual e, finalmente como elemento da narrativa ritual do site, apontando para uma direção, continuada, descontinuada, repetindo, intensificando a narrativa, repetindo-a novamente, entre outra formas de “retorno e paralelismo”, como ressaltou o grande mestre estrutural (LÉVI-STRAUSS, 1964, p. 35).

Outro aspecto, observado na etnografia, é uma constante atualização da ideologia nazista no centro da elaboração do discurso dos sites, centrado na “invenção” de um novo teutonismo. . O primeiro

dos aspectos que interessa a presente pesquisa é a dinâmica relação de produção da identidade nacional, que rateia suas origens tanto na “Era das Revoluções”, tanto quanto no Pré-romantismo, e que permitiram a “imaginação” de uma comunidade, balizada pela racionalização de uma tradição lingüística, cultural e mítica. A ideologia do nacional-socialismo conferia um sentido especial à nacionalidade alemã: nela estaria preservado “o verdadeiro sangue alemão”, garantidor da superioridade biológica, psíquica, cultural e espiritual da mesma. Na atualização que os sites dão aos estes aspectos nota-se uma transformação do sentido de “nação” para “raça”. É no termo “raça” que se amalgamam sentidos: o “povo alemão”, como o descrevem os sites é constituído pelos “alemães de todo o mundo”. “Nossa Nação é nossa raça”, repetem mais de cem vezes os sites pesquisados. Raça passa a ser uma consideração transnacional, uma resposta a globalização, à desterritorialização introduzida pelos fluxos globais ?

Como estas fronteiras refratárias, são, afinal, desenvolvidas? No discurso destes internautas uma idéia é recorrente: há o “sangue alemão”, uma “substância imaginada”, que comunica todo um “sentido simbólico específico” (LÉVI-STRAUSS, 1949, p. 227). Ainda que existam diferenças marcantes entre os diversos discursos dos sites, e dos internautas que debatem seus temas em fóruns e comunidades virtuais, como, por exemplo, as definidas nas escolhas que fazem para suas manifestações políticos-ativistas, a idéia de que todos eles possuem “o sangue ariano”, central em suas práticas, válida, para eles, sua definição como “um povo”, ou ainda, “uma nova ordem, uma nova consciência, um novo povo”.

Este “sangue”, por eles descrito como premissa genética “do povo ariano”, garantia e chave da compreensão dos mitos a que se devotam, abriga uma visão de mundo estruturada por espíritos protetores, por inimigos eternos, por conspirações absurdas. O neonazista defende esta forma peculiar de concepção de mundo, “acredita nela e é membro de uma sociedade que acredita” (LÉVI-STRAUSS, 1949, p. 228). Este “sangue” válida, portanto, o “conhecimento social implícito”, e direciona os neonazistas em “se moverem, sem saber exatamente porque ou como”, é “aquilo que torna o real, real e o normal, normal, e, acima de tudo, aquilo que torna as distinções éticas politicamente vigorosas” (TAUSSIG, 1987, p. 344)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num recente artigo, *O espaço público como ódio*, a antropóloga Alba Zaluar³⁸ analisa a multiplicação dos

³⁸ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2908200403.htm>

“homicídios cometidos pelo ódio”. Para a autora uma das características centrais deste tipo de crime reside no fato de que a vítima é associada a “uma categoria de pessoa”, “apontada pela ideologia adotada como a razão dos males sociais”, o que pressuporia, portanto uma maneira de “marcar” estas vítimas pelo que Zaluar diagnostica como “a lógica do bode expiatório”. Em sua lógica perversa, esses crimes nascem de idéias preconceituosas e fornecem aos demais elementos do mesmo grupo um aviso de não aceitação e ameaçadas, estas pessoas, muitas vezes, reagem se intimidando diante do pavor causado pelo ataque. Alvos variados são escolhidos pelos agressores: negros e judeus são os mais atingidos, mas há, ainda, outras vítimas elegidas por critérios múltiplos como gênero, orientação sexual, religião, incapacidade física ou mental e condição social de imigrante ou de miserável. Notícias de crimes cujas vítimas pertencem a uma destas categorias têm se tornado comuns na mídia, e se é preciso um empenho social para não banalizar estes fatos, nem naturalizá-los, é preciso um empenho ainda maior para combatê-los.

A proliferação dos denominados crimes de ódio muitas vezes se valem da Internet, quer na forma de sites que tecem uma apologia de ódio a estas pessoas acelerada, quer na forma de comunidades gerenciadas dentro de redes sociais (como o Orkut, as comunidades do Second Life, o MySpace, o Facebook e outras), que utilizam seus fóruns para um proselitismo instantâneo de sua ideologia perversa. No geral, os crimes de ódio na Internet se valem de seu principal paradoxo: a idéia de poder atingir milhões de pessoas com seu discurso, permanecendo, todavia, no anonimato. O presente texto discutiu em especial, o neonazismo na rede, se denominou de novo teutonismo. Um outro problema criado por este discurso é o quanto ele surpreende as vítimas, impedindo-as de ter meios de defesa ou os crimes do ódio, na medida em que não é mais possível antecipar o comportamento alheio.

Nos crimes de ódio raciais inexistem racionalidade ou sentido, e portanto impedem de funcionar os parâmetros do perigo e da ordem assim como os fundamentos da confiança, sem a qual não existe vínculo social positivo. Pensando-se germânicos ou se atribuindo o lugar de filhos da Europa e portanto, irmãos de sangue dos mesmos os internautas que produzem os sites pesquisados os pensam como um lugar privilegiado para sua ideologia. Isto é patente, desde a Home de cada Site. Uma nova casa para os verdadeiros alemães, é isso que se pretendiam os sites. E, sendo eles, todos alemães, como deliram, constroem este “teutonismo virtual”.

7. BIBLIOGRAFIA

- [1] ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- [2] _____. Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda. In ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike (ed.). *The Essential Frankfurt School Reader*. New York: Continuum, 1951, pp. 118-37.
- [3] _____. *The authoritarian personality*. New York: Harper; Brothers 1950.
- [4] ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. *Simetria e Entropia: Sobre a Noção de Estrutura em Lévi-Strauss*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 163-198, 1999.
- [5] ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. Londres: Verso. 1991
- [6] ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- [7] _____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Diagrama e texto, 1983.
- [8] BARKUN, Michael. *Religion and the Racist Right: The Origins of the Christian Identity Movement*. Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press, 1994
- [9] BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- [10] BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- [11] BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- [12] BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina* Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003
- [13] _____. *A Economia das Trocas Linguísticas: O Que Falar Quer Dizer*. São Paulo, Editora Edusp, 1998
- [14] _____. Espaço Social e Gênese de Classes, in *O Poder Simbólico* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989
- [15] _____. *La Distinction* Paris: Minuit, 1979
- [16] _____. *Razões Práticas – Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2004
- [17] CANETTI, E.. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- [18] CONTE, Édouard; ESSNER, Cornelia. *A demanda da raça. Uma antropologia do nazismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- [19] DELEUZE, Giles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*. Volume I a V. Rio de Janeiro: 34, 1996.
- [20] _____. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- [21] DELEUZE, Giles. *L'île déserte et autres textes*. Paris: Minuit, 2002.
- [22] EZEKIEL, Raphael. *The Racist Mind*. New York: Penguin Books, 1995.
- [23] EZEKIEL, R.S. *An ethnographer looks at neo-Nazi and Klan groups*. New York: American Behavioral Scientist, 2002 (n.º 46, p. 51-71)
- [24] FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu Editora, 1981.
- [25] FERAL, Thierry. *Le nazisme: une culture?* Paris: L'Harmattan, 2001.
- [26] FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2005.
- [27] _____. *História da Sexualidade*. Vol.1. Vontade de Saber. São Paulo: Graal, 1998
- [28] _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- [29] _____. *Genealogia del racismo*. Buenos Aires: Altamira, 1980.
- [30] FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1997 [Obra original de 1927].
- [31] _____. *O mal-estar na civilização*, Rio de Janeiro: Imago, 1997 [Obra original de 1930].
- [32] _____. *Obras Completas*. volume I, II, IV, VIII e XII. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva Madrid, 1967
- [33] _____. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (versão 2.0) Rio de Janeiro: Imago, [20__]. CDRROM.
- [34] GOLDENSOHN, Leon. *As entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- [35] GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Sol Negro: Cultos Arianos, Nazismo Esotérico e Políticas de Identidade*. São Paulo: Madras, 2004.
- [36] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- [37] HÉRITIER, Françoise. Masculino/feminino In *Enciclopédia Einaudi*. Vol 20. Parentesco. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1989
- [38] _____. *Les deux soeurs et leur mère*. Paris: Editions Odile Jacob, 1991
- [39] _____. *Masculin/Féminin. La pensée de la différence*. Paris: Editions Odile Jacob, 1996.
- [40] HOCKENOS, Paul. *Livres para Odiar – Neonazistas: Ameaça e Poder*. São Paulo: Scritta, 1995.
- [41] KARADY, Victor. *Los judíos en la modernidad europea: experiencia de la violencia y utopía*. Madrid: Siglo XXI, 2000
- [42] KATZ, Chaim Samuel. *Psicanálise e Nazismo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985.
- [43] KECSKEMETI, Paul; LEITES, Nathan. *Some Psychological Hypotheses on Nazi Germany* Washington, D. C.: The Library of Congress, Experimental Division for the Study of War time Communications. Document No. 60, July 30, 1945.
- [44] KEYNES, John M. *As conseqüências econômicas da paz*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Editora Universidade de Brasília-Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002.
- [45] KLEMPERER, Victor. *LTI. La lengua del Tercer Reich*. Apuntes de un filólogo. Barcelona: Minúscula, 2001 [obra original de 1947].
- [46] _____. *Os diários de Victor Klemperer*. Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- [47] LACAN, Jacques. O Inconsciente, volume II. In EY, Henry (org.) *VI Colóquio de Bonneval*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- [48] _____. O Seminário, Livro III: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992a.
- [49] LACOUE-LABARTHE, P. e NANCY, J.L. *O mito nazista*, São Paulo: Iluminuras, 2002.
- [50] LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: [51] EDUSC, 2002
- [52] LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982 [Obra original de 1949].
- [53] _____. *Antropologia Estrutural*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1970 [Obra original de 1958].

- [54]_____. *Mitológicas I : O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004 [Obra original de 1955].
- [55]MAGGIE, Yvonne ; REZENDE, Claudia Barcelos. *Raça como retórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- [56]PERROUX, François. *Mitos hitleristas* [Trad] Cecilia Meireles. São Paulo : Ed Nacional, 1937.
- [57]POLIAKOV, Léon: *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- [58]_____. *História do Anti-semitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985. 4 v.
- [59]_____. *Bréviaire de la haine*, Paris: Complexe, 1986
- [60]QUINET, Antonio. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- [61]REICH, Wilhelm. *A Psicologia de Massa do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- [62]SIM SHOHAT, Ella e STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- [63]SPEER, Albert. *Por dentro do III Reich*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- [64]STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- [65]STEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo. 1919 – 1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- [66]SZNITER, Célia. *A dimensão visual da propaganda nazista: as imagens do judeu e do “ariano”*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1996.
- [67]TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1993.
- [68]TODOROV, Tzvetan. 1995. *Em face ao Extremo*. Campinas: Papyrus, 2000

Adriana Dias é antropóloga, membro da Associação Brasileira de Antropologia e Doutoranda em Antropologia Social pela UNICAMP. Desenvolve sites e projetos para WEB desde 1999, e participou do GT de etnografia virtual do Observatório para a Cibersociedade, em seu III Congresso (2006). Ministra palestras a respeito do mapeamento do crescimento do neonazismo, desde 2005.

ANEXO I
LISTA DOS SITES PESQUISADOS

NOME	TIPO	CLASSE	SEDE	LINGUA
ADOLF HITLER PLATZ	Blog	Neonazista	Brasil	Português
AFRIKANER RESISTANCE MOVEMENT	Site	Racista	África do Sul	Inglês
AITHGENA (WAU PORTUGAL)	Site	Neonazista	Portugal	Português
ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS AMADORES DE RECITAIS DE GUERRA E HOLOCAUSTO	Site	Revisionista	EUA	Português
BENITO MUSSOLINI	Site	Revisionista	Itália	Inglês
BLOG COMBATE	Blog	Racista	Portugal	Português
BLOG CORSERPENTIS88	Blog	Neonazista	Portugal	Português
BLOG FASCISMO EM REDE	Blog	Neonazista	Portugal	Português
BLOG HOMEM LOBO	Blog	Neonazista	Portugal	Português
BLOOD AND HONOUR SP	Site	Neonazista	Brasil	Português
CAMPAIGN FOR RADICAL TRUTH IN HISTORY	Site	Revisionista	EUA	Inglês
CAUSA NACIONAL	Site	Neonazista	Portugal	Português
COSMOTHEISM	Site	Racista	EUA	Inglês
CREATIVITY MOVEMENT - MOVIMIENTO CRIADOR	Site	Racista	Portugal	Inglês
DIRLIP	Site	Revisionista	Portugal	Português
EDITORA REVISÃO MIRROR	Loja	Racista	Portugal	Português
FORUM LIBERTARIAN NATIONAL	Fórum	Neonazista	EUA	Inglês
FÓRUM REVISIONISTA	Fórum	Revisionista	EUA	Português
HIJAS DE EUROPA	Site	Neonazista	Espanha	Espanhol
HISTORICAL REVISIONISM!	Site	Revisionista	EUA	Inglês
KKK	Site	Racista	EUA	Inglês
KKK NET (DISSIDENTE)	Site	Racista	EUA	Inglês
LIBERTARIAN NATIONAL SOCIALIST	Fórum	Neonazista	EUA	Inglês
LOJA ZYKLONB	Loja	Neonazista	Brasil	Português
NAÇÕES ARIANAS	Site	Racista	EUA	Inglês
NATIONAL ALLIANCE	Site	Racista	EUA	Inglês
NAZI LAUCK NSDAP/AO	Site	Neonazista	EUA	Inglês
NUEVORDEN	Site	Neonazista	EUA	Espanhol
RETALIAÇÃO BRUTAL	Blog	Racista	Portugal	Português
REVISIONISMO DA II GUERRA MUNDIAL	Site	Revisionista	EUA	Português
SITE DA REVISTA INSTINCT	Site	Neonazista	EUA	Inglês
SITE PESSOAL DO LEANDRO	Site	Neonazista	Brasil	Português
SKINHEADS.NET!!!	Fórum	Neonazista	EUA	Inglês
SOLAR GENERAL	Site	Racista	EUA	Inglês
SS ENTERPRISES	Site	Neonazista	EUA	Inglês
STORMFRONT	Fórum	Racista	EUA	Inglês
VALHALLA	Site	Neonazista	Brasil	Português
W.A.R. - WHITE ARYAN RESISTANCE	Site	Neonazista	EUA	Inglês
WAU	Site	Neonazista	EUA	Inglês
WHITE POWER SP	Site	Neonazista	Brasil	Português

ANEXO II
URLS DOS SITES PESQUISADOS

NOME	URL
ADOLF HITLER PLATZ	http://hitler.blig.ig.com.br/
AFRIKANER RESISTANCE MOVEMENT	http://www.awb.co.za/english.htm
AITHGENA (WAU PORTUGAL)	http://aithgena.blogspot.com/
ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS AMADORES DE RECITAIS DE GUERRA E HOLOCAUSTO	http://www.vho.org/aaargh/port/port.html
BENITO MUSSOLINI	http://www.ilduce.net/
BLOG COMBATE	http://www.valenteeimortal.blogspot.com/
BLOG CORSERPENTIS88	http://www.corserpentis88.blogspot.com
BLOG FASCISMO EM REDE	http://fascismoemrede.blogspot.com
BLOG HOMEM LOBO	http://www.homemlobo.blogspot.com/
BLOOD AND HONOUR SP	http://www.bloodandhonoursp.com/
CAMPAIGN FOR RADICAL TRUTH IN HISTORY	http://www.revisionisthistory.org
CAUSA NACIONAL	http://www.causanacional.net
COSMOTHEISM	http://www.solargeneral.com/mirrors/cosmotheism/
CREATIVITY MOVEMENT - MOVIMENTO CRIADOR	http://www.geocities.com/pepinosmith/portuguese.htm
DIRLIP	http://www.grupodirlip.org/
EDITORA REVISÃO MIRROR	http://revisao.grupodirlip.org/
FORUM LIBERTARIAN NATIONAL	http://www.nazi.org/community/forum
FÓRUM REVISIONISTA	http://forum.codoh.info/index.php
HIJAS DE EUROPA	http://www.hijasdeeuropa.tk/
HISTORICAL REVISIONISM!	http://vho.org/index2.html
KKK	http://www.kkk.bz
KKK NET (DISSIDENTE)	http://kkkk.net/page1.htm
LIBERTARIAN NATIONAL SOCIALIST	http://www.nazi.org/forum
LOJA ZYKLONB	http://www.zyklonbwear.com/loja/
NAÇÕES ARIANAS	http://www.aryannations.org/index.html
NATIONAL ALLIANCE	http://www.natvan.com
NAZI LAUCK NSDAP/AO	http://www.nazi-lauck-nsdapao.com
NUEVORDEN	http://www.nuevorden.net/
RETALIAÇÃO BRUTAL	http://retaliacaobrutar.blogspot.com/
REVISIONISMO DA II GUERRA MUNDIAL	http://rhistorico.tripod.com
SITE DA REVISTA INSTINCT	http://www.rac-usa.org/wau/instinct.html
SITE PESSOAL DO LEANDRO	http://www.geocities.com/leandrotr_net
SKINHEADS.NET!!!	http://skinheads.net/forums/index.php
SOLAR GENERAL	http://www.solargeneral.com/
SS ENTERPRISES	http://www.ssenderprises.com
STORMFRONT	http://www.stormfront.org/forum
VALHALLA	http://valhalla88.com/
W.A.R. - WHITE ARYAN RESISTANCE	http://www.resist.com/
WAU	http://www.rac-usa.org/wau/
WHITE POWER SP	http://www.whitepowersp.org/